



## EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA: PRÁTICAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS FREIREANAS PARA O EMPODERAMENTO RACIAL

*PHYSICAL EDUCATION IN EJA: FREIREAN THEORETICAL-METHODOLOGICAL PRACTICES  
FOR RACIAL EMPOWERMENT*

Bernardo José Bione dos Santos<sup>1</sup>

Tereza Luiza de França<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo explora a aplicação das práticas teórico-metodológicas freireanas na Educação Física da EJA, com foco no empoderamento racial. Utilizando uma abordagem qualitativa, analisou-se como a amarelinha africana, incorporada ao currículo, pode atuar como uma ferramenta pedagógica que promove a conscientização crítica e o reconhecimento das raízes culturais dos educandos. A prática demonstrou ser eficaz na valorização da diversidade e no combate ao racismo, reforçando a importância de uma educação física crítica e inclusiva que transcenda o exercício físico, contribuindo para a formação de indivíduos empoderados e conscientes de sua identidade cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empoderamento racial; Educação Física; EJA; Paulo Freire.

**ABSTRACT:** This article explores the application of Freire's theoretical-methodological practices in Physical Education in EJA, with a focus on racial empowerment. Using a qualitative approach, it was analyzed how African hopscotch, incorporated into the curriculum, can act as a pedagogical tool that promotes critical awareness and recognition of the cultural roots of students. The practice has proven to be effective in valuing diversity and combating racism, reinforcing the importance of critical and inclusive physical education that transcends physical exercise, contributing to the formation of empowered individuals who are aware of their cultural identity.

**KEYWORDS:** Racial empowerment; Physical education; EJA; Paulo Freire.

### INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha uma função crucial no sistema educacional brasileiro, pois atende, em sua grande maioria, a uma parcela da população historicamente marginalizada e excluída das oportunidades educacionais regulares. A EJA

<sup>1</sup> Graduando em Educação Física na UFPE. Pesquisador do Laboratório NIEL- CAPES - CNPq- UFPE.

<sup>2</sup> Profa. Dra. Associada IV UFPE. Líder Coordenadora do Laboratório NIEL-CAPES-CNPq-UFPE.





se configura como um espaço de resistência e transformação, onde é possível resgatar e valorizar trajetórias de vida interrompidas pelas desigualdades sociais, econômicas e raciais que permeiam a sociedade brasileira. Neste contexto, a Educação Física, tem como objetivo promover e fortalecer o empoderamento racial, especialmente quando fundamentada em práticas teórico-metodológicas inspiradas na pedagogia de Paulo Freire.

A Educação Física, tradicionalmente centrada em modalidades esportivas como: “dança, lutas, ginástica, jogo e esporte”, têm explorado de forma limitada a rica diversidade cultural presente nas práticas corporais. Quando aliada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa disciplina pode assumir um papel transformador, especialmente ao ser contextualizada em espaços culturais específicos, como os das comunidades de terreiros. (GOMES,2017) enfatiza a importância de uma educação que valorize a diversidade étnico-racial, destacando que práticas pedagógicas inclusivas são essenciais para combater o racismo e aflorar a autoestima das pessoas. A integração de elementos culturais afro-brasileiras nas aulas mediadas por princípios antirracistas, significa que não apenas reforça a identidade cultural desses estudantes, mas também contribui para uma Educação Antirracista e Inclusiva. (FREIRE,1996) argumenta que “a educação deve ser um ato de liberdade, garantindo a conscientização crítica dos indivíduos sobre a sua realidade”. Para os estudantes da EJA, as práticas corporais agregadas às suas experiências de vida, irão sustentar o fortalecimento de suas resistências contra opressões sociais e raciais. (SOUZA,2006) enfatiza a importância da EJA como modalidade de ensino que assegura a inclusão social e cultural, destacando que este segmento educacional atende às necessidades específicas de grupos marginalizados. Sistematizar práticas de cultura corporal, como a capoeira e outras manifestações afro-brasileiras,





garante a existência de um ambiente educacional mais acolhedor e representativo para todos.

A cultura corporal, entendida como um conjunto de práticas que expressam e valorizam identidades culturais, é amplamente discutida por diversos autores. A cultura corporal é um campo fértil para a visibilização da diversidade cultural e do respeito mútuo (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Vivenciar a cultura corporal nas práticas educativas voltadas para os estudantes da EJA permite uma abordagem dialética e inclusiva da Educação Física. Ao englobar princípios da Educação Antirracista, contribui com o processo de transformação e aponta possibilidades para assegurar a inclusão social, o respeito à diversidade cultural e a equidade racial assegurando a valorização de suas identidades culturais e a luta contra o racismo estrutural, para que se possa compreender e propor um processo transformador para a EJA.

Freire, com sua proposta de uma educação emancipadora e dialógica, nos oferece um arcabouço teórico que desafia as práticas educativas tradicionais, propondo uma educação que não seja "bancária", mas sim libertadora. A pedagogia freiriana, centrada no diálogo, na conscientização e na problematização da realidade, é muito relevante quando posta encontro à Educação Física na EJA, uma modalidade de ensino que pode ser instrumentalizada tanto para a reprodução de estereótipos e preconceitos quanto para a construção de identidades fortes e empoderadas, capazes de resistir às opressões raciais.

O objetivo deste artigo é explorar e propor práticas teórico-metodológicas que, fundamentadas na pedagogia freiriana, possam contribuir para o empoderamento racial na Educação Física da EJA. A escolha se justifica pela necessidade de repensar o papel da Educação Física não apenas como um espaço de atividade física, mas como uma alternativa de batalha simbólica onde questões de raça, identidade, poder e cultura corporal são repensadas através da crítico-reflexiva.





Este artigo está estruturado em seis seções principais. Após esta introdução, será apresentada uma fundamentação teórica que dialoga com as obras de Paulo Freire, bem como outros autores que tratam das interseções entre educação, raça e práticas pedagógicas. Em seguida, a metodologia utilizada na pesquisa será detalhada. A seção subsequente discutirá os resultados obtidos e sua relevância para a prática pedagógica na EJA. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais pontos abordados, discutindo as limitações do estudo e sugerindo caminhos para futuras pesquisas

## DISCUSSÃO TEÓRICA

Paulo Freire é amplamente reconhecido como um dos mais importantes educadores do século, tendo sua obra influenciado profundamente a educação popular e a pedagogia crítica em todo o mundo. Sua pedagogia, centrada na conscientização e no diálogo, desafia as práticas educativas tradicionais que ele denominou de "educação bancária". Para Freire, a educação bancária é aquela em que os alunos são vistos como recipientes passivos, nos quais os professores depositam conhecimento, sem permitir um processo de questionamento ou construção crítica do saber (FREIRE, 2005, p. 79). Em oposição a essa abordagem, Freire propõe uma educação dialógica, onde o conhecimento é construído coletivamente, com base nas experiências e realidades dos educandos. A pedagogia freiriana, portanto, não é apenas um método de ensino, mas uma proposta política e filosófica que busca a transformação social através da educação. Freire argumenta que a educação deve ser um ato de liberdade, onde o educando se torna sujeito de sua própria aprendizagem, capaz de compreender e transformar sua realidade (FREIRE, 1987, p. 25). Essa abordagem é especialmente relevante no contexto da EJA, onde os educandos frequentemente trazem consigo experiências de vida marcadas pela exclusão social, econômica e racial.





A Educação Física na EJA enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à relevância e a utilização de práticas pedagógicas que vão além do desenvolvimento físico. Historicamente, a Educação Física foi muitas vezes utilizada como controle social, reforçando estereótipos e normas sociais que podem perpetuar desigualdades, incluindo aquelas baseadas na raça (CARVALHO, 2010, p. 43). No entanto, quando abordada de forma crítica e emancipadora, a Educação Física pode se tornar um espaço para a desconstrução dessas normativas e para o fortalecimento da identidade e da autoestima dos educandos. A prática pedagógica na EJA deve reconhecer e valorizar as vivências dos alunos, utilizando a Educação Física como um meio para explorar questões de identidade, cultura e poder. Através de atividades que promovem a reflexão crítica e o diálogo, os educandos podem se apropriar de seus corpos e de suas histórias, ressignificando a Educação Física como um campo de luta e resistência (SOARES, 2012, p. 66).

O conceito de empoderamento racial está intrinsecamente ligado à luta por igualdade e justiça social. Ele se refere ao processo através do qual indivíduos e comunidades racialmente marginalizadas desenvolvem uma consciência crítica sobre as dinâmicas de poder que os oprimem e, a partir dessa compreensão, passam a agir para transformar essas realidades (GONZALEZ, 1988, p. 72). No contexto educacional, o empoderamento racial implica em criar espaços onde as vozes e experiências pessoais sejam centralizadas e valorizadas.

*Bell hooks*, uma das principais teóricas do feminismo interseccional e da pedagogia crítica, destaca a importância de uma educação que seja libertadora não apenas no sentido de desafiar o *status quo*, mas também de possibilitar que indivíduos racializados se vejam como sujeitos plenos de sua história e cultura (HOOKS, 1994, p. 35). Em sua obra "Ensinando a Transgredir", hooks argumenta que a educação precisa ser um ato político que desafie as estruturas de poder e promova a autodeterminação dos oprimidos.





Nesse sentido, a Educação Física é fundamental no empoderamento racial, ao criar oportunidades para que educandos explorem suas identidades raciais de forma reflexiva e construtiva. Atividades que incorporam elementos culturais, que promovem o respeito pela diversidade/historicidade e que desafiam estereótipos raciais contribuem significativamente para esse processo (MUNANGA, 2004, p. 88).

## **METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa. A escolha por uma metodologia se justifica pela natureza exploratória e interpretativa do tema, que exige uma compreensão profunda das práticas pedagógicas e dos contextos sociais em que estas se inserem. A revisão bibliográfica e documental foi utilizada como principal método de coleta de dados. Foram analisadas obras fundamentais de Paulo Freire, como "Pedagogia do Oprimido" (1987) e "Educação como Prática da Liberdade" (2005), além de textos de outros autores que dialogam com a pedagogia freiriana e as questões de raça na educação, como *Bell Hooks* (1994, p. 35) e Lélia Gonzalez (1988, p. 72). A revisão também incluiu estudos específicos sobre a Educação Física na EJA. Os documentos analisados foram selecionados com base em sua relevância para o tema do empoderamento racial na Educação Física da EJA. Foram priorizados textos que abordam a interseção entre educação, raça e práticas pedagógicas, buscando compreender como as ideias de Freire e outros teóricos podem ser aplicadas na prática educativa (CARVALHO, 2010, p. 43).

Através da crítico-reflexiva, podemos trazer a reflexão sobre as práticas vivenciadas em sala com os estudantes juntamente com o contexto histórico cultural. Por exemplo, as vivências de brincadeiras afro-brasileiras que, além de proporcionar um novo olhar sobre as brincadeiras, as torna uma nova maneira de percepção e de pertencimento, voltado ao olhar étnico-racial. Essa visão foi desenvolvida através de minha execução





como docente em uma turma de EJA, na qual, pude trazer e experimentar com eles essas vivências. A prática de uma brincadeira de Moçambique que se chama “Teca Teca”, que foi feita em sala, mas foi ressignificada aqui no Brasil se recebeu o nome de “Amarelinha Africana”. Através da sua visão pedagógica, indica que a educação deve ser um meio de libertação, permitindo aos indivíduos possam compreender (FREIRE,2004) as dinâmicas de poder e mudar (FREIRE,1968) positivamente as suas circunstâncias através de uma visão crítica.

A utilização da amarelinha africana como estratégia instrucional em Educação Física é essencial nesse sentido. Ao incluir esta prática no currículo, permitimos que os alunos participem de uma experiência cultural significativa enquanto praticam atividades físicas. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está focada na luta contra o racismo, a fim de criar uma sociedade com ideais mais elevados de justiça e igualdade. A educação física desempenha um papel importante neste processo, pois fornece medidas eficazes para enfrentar o racismo. Além disso, ao aplicar os princípios de diálogo, sensibilização e ação transformadora de Freire, podemos usar a amarelinha africana como uma ferramenta de empoderamento que esclarece os ideais das pessoas e combate a discriminação racial através da valorização de suas raízes e cultura local.

A prática do jogo em si foi estrategicamente pensada para ocorrer em duas etapas essenciais. Na primeira etapa, foi concentrada a ideia da pesquisa na sala de informática (ANEXO I). O título da pesquisa foi: “Jogos populares Afro-Brasileiros”.

Conseqüentemente, durante a pesquisa, eles puderam observar a quantidade de outros jogos presente em nossa cultura que são de origem Afro-Brasileiras. Com esse recurso, eles puderam construir um cartaz que englobava variados jogos.

Na segunda etapa dessa vivência, partimos para a prática em sala com o foco em um jogo que era a amarelinha africana. Durante a breve explicação de como funciona,





pude contextualizar uma parte da historicidade que se vinculava através do Jogo. Com isso, tive liberdade para vivenciar essa prática de forma satisfatória (ANEXO II).

Após vivenciarem essas duas etapas, tive a oportunidade de observar a evolução dos alunos no qual sua visão sobre Jogos antes e depois das atividades. Quando estávamos pesquisando sobre as brincadeiras, foi motivo de muita surpresa em relação ao descobrimento de que brincadeiras populares nas quais eram agregadas a suas infâncias, na verdade são de origem Afro-brasileiras e os mesmo não tinham essa essa visão, mas conseguiram contextualizar (FREIRE,2004) com suas vivências antes e durante a pesquisa. Nesse ponto, pude perceber que muitos já trouxeram a ideia historico-critica voltada a escravidão e entenderam que esse processo de certa faz parte de suas raízes. O que é muito importante visualizar a com esse contexto crítico na Educação física, como apontam Gonzáles e Venâncio (2012).

Na parte prática, eu pude abordar de maneira mais ampla a questão da historicidade na qual foi referida durante a pesquisa. Isso, de maneira não convencional, trouxe uma ideia de interligar outras aulas fora da Educação Física, na qual eles tiveram o conteúdo abordado semelhante. Isso trouxe um momento de participação ativa (FREIRE,2004), nas quais expressaram a sua visão sobre o jogo, origem e como chegaram aqui através dos escravizados no contexto histórico da escravidão.

Após as vivências, tivemos um momento de conversas onde perguntei o que achavam da aula. Bom, não foi unânime como eu pensei que seria, pois muitos tem uma ideia fixa que a Educação Física sem ir a quadra não existe. Por outro lado, a maioria da turma aprovou e complementou dizendo que nunca tinham se divertido e aprendido tanto em uma aula só. Isso ficou evidente, mais uma vez, que Paulo Freire não deu ponto sem nó quando fala na questão de identidade social e que temos que usar nossas aulas para





alcançar nosso objetivo que é o reconhecimento de nós como indivíduos críticos e formadores de opinião, empoderados e que sabemos de nossa história ancestral.

Ao permitir que os alunos mergulhem e meditem sobre práticas culturalmente importantes que há muito foram privadas de qualquer destaque, não estamos apenas reforçando as suas afiliações culturais, mas também encorajando um ambiente inclusivo e respeitoso. Através da Educação Física e da amarelinha africana, podemos instituir espaços de aprendizagem que apoiem a diversidade em termos de etnia, raça ou gênero, além do respeito mútuo e da solidariedade.

(Anexo I: Pesquisa na sala de Informática e confecção do Cartaz sobre Jogos Afro-Brasileiros)



(Anexo II: Explicação histórica e mecânica sobre a amarelinha africana com a execução da atividade.)





## ANÁLISE

A análise das práticas pedagógicas descritas na metodologia revela como o uso dos princípios freirianos na Educação Física da EJA ativa o processo de conscientização crítica e empoderamento racial. A utilização da amarelinha africana, conforme detalhado, serviu como uma estratégia instrucional que foi além da mera atividade física, proporcionando uma experiência educacional rica em significado cultural e histórico. Freire (2004) argumenta que a educação deve ser um caminho de libertação, permitindo aos indivíduos compreender as dinâmicas de poder e transformar positivamente suas circunstâncias através de uma visão crítica. Ao inserir a amarelinha africana no currículo, a prática educativa não apenas resgatou uma tradição cultural, mas também gerou uma reflexão crítica sobre as origens e significados dos jogos populares na cultura afro-brasileira. Os alunos, ao se envolverem com essa prática, puderam não apenas participar de uma atividade física, mas também se reconectar com suas raízes culturais e compreender o valor histórico dessas tradições.

Essa abordagem reflete o que Freire (1968) propõe sobre a educação como um processo de conscientização, onde o educando se torna sujeito de sua própria história, capaz de questionar e transformar a realidade. Ao utilizar a amarelinha africana como ferramenta pedagógica, os alunos da EJA não só desenvolveram suas capacidades motoras, mas também suas capacidades críticas e reflexivas, ressignificando as atividades de Educação Física como um espaço de resistência e valorização cultural.

A prática da amarelinha africana foi dividida em duas etapas essenciais, conforme descrito na metodologia. A primeira etapa, focada na pesquisa em sala de informática, permitiu que os alunos se apropriassem de conhecimento sobre jogos afro-brasileiros e reconhecessem a importância dessas práticas em sua formação cultural. A construção de





um cartaz com variados jogos afro-brasileiros foi uma atividade que, além de informativa, despertou nos alunos um sentimento de pertencimento e identidade cultural.

Na segunda etapa, a prática do jogo na sala de aula, com a contextualização histórica oferecida pelo educador, permitiu que os alunos vivenciassem a historicidade do jogo de maneira prática. Essa experiência foi fundamental para que os alunos compreendessem a conexão entre as atividades físicas e suas raízes culturais, conforme proposto por Gonzáles e Venâncio (2012). A surpresa dos alunos ao descobrir que brincadeiras populares de sua infância eram de origem afro-brasileira evidenciou a importância de uma educação física que valorize e resgate as práticas culturais marginalizadas. Freire (2004) destaca que a participação ativa dos alunos em práticas educacionais que valorizam suas raízes culturais contribui para a construção de uma identidade crítica e empoderada. O feedback dos alunos, que expressaram surpresa e satisfação ao vivenciarem a aula de Educação Física fora do contexto tradicional da quadra, reflete a eficácia de uma abordagem pedagógica que vai além das práticas convencionais e promove a conscientização sobre a importância da diversidade cultural e do respeito mútuo.

A intervenção prática da amarelinha africana na Educação Física da EJA não foi apenas uma atividade física, mas uma prática pedagógica transformadora. Ao permitir que os estudantes mergulhassem em práticas culturalmente significativas, a aula promoveu um ambiente de diálogo e reflexão, onde a diversidade cultural foi valorizada e respeitada. Freire (2004) argumenta que o diálogo é uma ferramenta essencial na educação para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse contexto, a amarelinha africana serviu como um meio de diálogo entre os alunos, suas histórias pessoais e suas raízes culturais. A prática não apenas reforçou as afiliações culturais dos





alunos, mas também encorajou um ambiente inclusivo, onde as diferenças foram celebradas e o respeito mútuo foi promovido.

Através dessa prática, a Educação Física na EJA foi ressignificada como um espaço de aprendizagem que vai além do desenvolvimento físico, tornando-se um campo de resistência cultural e empoderamento racial. O resultado foi uma aula que, segundo o feedback dos alunos, foi não apenas educativa, mas também divertida e transformadora, evidenciando a importância de uma pedagogia crítica e libertadora, conforme defendido por Paulo Freire.

## CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo destacou a relevância da pedagogia freireana como uma abordagem teórico-metodológica capaz de promover o empoderamento racial na Educação Física, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Através da aplicação prática da amarelinha africana, foi possível demonstrar como as brincadeiras podem ser ressignificadas para além, transformando-se em caminhos de conscientização crítica e valorização cultural. Paulo Freire, ao propor uma educação libertadora, nos lembra da importância de uma prática pedagógica que permita aos educandos compreender e transformar suas realidades. No caso específico da EJA, onde muitos alunos carregam experiências de exclusão e marginalização, a educação deve ser um meio para o reconhecimento de suas identidades culturais e a construção de uma consciência crítica sobre as dinâmicas de poder que os afetam.

A utilização da amarelinha africana como estratégia instrucional mostrou-se uma prática eficaz para promover o diálogo, a inclusão e o respeito pela diversidade cultural, elementos fundamentais para o empoderamento racial. Ao integrar elementos culturais significativos no currículo de Educação Física, os educandos puderam não apenas se





conectar com suas raízes, mas também desenvolver uma postura crítica e reflexiva em relação à sua história e à sociedade em que vivem.

Os resultados obtidos indicam que, ao aplicar os princípios de diálogo, conscientização e ação transformadora de Freire, a Educação Física pode se tornar um campo de resistência e luta contra o racismo, contribuindo para a formação de indivíduos empoderados e conscientes de suas identidades. Esse estudo reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a cultura e a história dos educandos, promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora. Em suma, a pesquisa evidencia que a Educação Física na EJA, quando orientada por uma pedagogia crítica e emancipadora, pode desempenhar um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao resgatar e valorizar práticas culturais marginalizadas, como a amarelinha africana, o educador se torna um agente de transformação, capaz de contribuir para o empoderamento racial e o fortalecimento das identidades dos educandos. Assim, reafirma-se a importância de uma educação física que seja mais do que um espaço de exercício, mas um verdadeiro campo de luta e resistência em prol da justiça social.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHO, M. P. *Educação Física na EJA: Desafios e Potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2010.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.





FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GONZALES, L.; VENÂNCIO, C. *O legado de Paulo Freire para a educação física escolar: identidade e resistência cultural*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 105-121, 2012.

hooks, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Educação Física e diversidade étnico-cultural: desafios contemporâneos. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 617-628, set. 2017.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-55092017000300617&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092017000300617&lng=pt&nrm=iso).

SOARES, Carmem Lúcia; TAVARES, Orivaldo; NASCIMENTO, Juarez; et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUZA, João Francisco de. *Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2006.

Recebido em: 30/04/2025

Aprovado em: 02/05/2025

